

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO
CADEIRA DE PROJETOS EXPERIMENTAIS

O TRABALHO DOMÉSTICO REMUNERADO EM FLORIANÓPOLIS

A representação da patroa e da empregada.

Florianópolis, 28 de março/84

Aluna: Viviani Bonetti

INTRODUÇÃO

Pretendi com este trabalho levantar a situação das empregadas domésticas de Florianópolis, revelar como se dá a relação patroa-empregada e também qual a idéia delas a cerca do trabalho doméstico remunerado.

As entrevistas foram baseadas principalmente nas histórias de vida. Elaborei dois roteiros (um para as donas de casa e outro para as empregadas), assim, quando as histórias de vida não eram satisfatórias, não respondiam as questões da pesquisa, eu os utilizava.

Quanto a elaboração dos roteiros, foram montados a partir de minhas hipóteses que eram:

- O trabalho doméstico não é valorizado pelas próprias mulheres (patroa e empregada);

- As empregadas domésticas não têm uma visão de sua categoria e não sabem de seus direitos;

- A opressão da empregada doméstica é madiada por sentimentos de amor, repulsa, ódio e atração;

- A jornada de trabalho é maior do que 8 horas e não há pagamento de horas extras;

- A empregada doméstica propicia com seu trabalho que a patroa trabalhe fora.

As entrevistas aproveitadas somaram 12, das quais seis são com empregadas domésticas e seis com patroas. Quando afirmo que foram 12 as entrevistas aproveitadas, quero dizer que fora estas, conversei com muitas outras patroas e empregadas sobre minha pesquisa, podendo assim avaliar melhor a situação.

O local escolhido para realizar a pesquisa, foi a Avenida Beira Mar Norte, onde pressupus residirem a classe média e média alta. Determinado o local, bastaria ir de porta em porta, apresentar a pesquisa e entrevistar as donas dos apartamentos e suas empregadas. No entanto isso se tornou impossível, já que, saindo a campo, não passei da portaria dos edifícios. O motivo era sempre o mesmo, segundo os porteiros, os moradores não queriam ser incomodados e concluíam: "É ordem deles moça!". Em todos os edifícios que tentei entrar a ordem era a mesma, não permitir a entrada de estranhos.

Diante da situação, recorri à lista telefônica onde escolhi 30 nomes e com os quais entreei em contato. A resistência foi geral, apenas uma das mulheres concordou em me dar a entrevista, porém

quando cheguei na portaria de seu edifício e falei com ela pelo interfone, ela se negou a me deixar subir, negando também qualquer contato que tivesse havido entre nós, anterior àquele.

A solução foi procurar a Associação das Empregadas Domésticas de Florianópolis, onde consegui as seis entrevistas.

Na primeira visita notei um pouco de receio por parte delas, porém quando tornei claro o objetivo da pesquisa, fui muito bem recebida. Todas se dispuseram a me ajudar, inclusive todas tentaram conseguir com que suas patroas me dessem entrevista também. Das seis patroas, uma aceitou.

Terminada as entrevistas com as empregadas, entrei em contato com a Associação das Donas de Casa, onde peguei uma lista de 15 nomes. Dessas 15, cinco aceitaram. O espaço de tempo entre uma entrevista e outra foi relativamente grande ou, muito menos frequente do que com as empregadas. Nenhuma das donas de casa se prontificou a me dar a entrevista no primeiro contato, alegavam falta de tempo, viagens e outros compromissos. A última entrevista foi feita três dias antes da apresentação da pesquisa para a banca examinadora.

Tanto para conseguir as entrevistas quanto durante estas, as patroas mostraram-se muito mais reservadas. Suas histórias de vida eram curtas, limitavam-se a falar da profissão do pai, da mãe, se estudaram e trabalharam antes de casarem. Tive que "entrar em cena" constantemente.

Na segunda entrevista com uma dona de casa (patroa), percebi que o nível sócio-econômico não era o fator determinante nas respostas e sim o nível cultural. Descreverei a seguir o fato que marcou essas duas primeiras entrevistas feitas com donas de casa da classe média alta:

- A primeira entrevista foi feita com uma professora universitária, que terminando a entrevista, me levou até a área de serviço onde estava a sua empregada, deixando-nos a sós.
- A segunda foi uma mulher de 40 anos que tem o 2º grau incompleto. Esta ao acabar de me responder a última pergunta me consultou: "Queres falar com as minhas empregadas?". Concordei. Ouvi-a chamar a tal Maria num berro ensurdecedor. A moça (empregada) chegou correndo e sentou na ponta do sofá da sala com o avental todo recolhido no meio das pernas. "Conta aí para essa moça como eu te trato bem!" A partir daí fiz as perguntas que foram todas respondidas pela patroa e confirmadas pela empregada quase só com um aceno de cabeça.

Este foi o fato que me levou a considerar muito mais o nível cultural das patroas.

Um dos fatores que eu creio ter dificultado a realização deste trabalho, foi a época em que foram feitas as entrevistas, janeiro e fevereiro, quando grande parte da classe média e média alta passam a temporada de verão nas praias, vindo eventualmente para a cidade ou todos os dias para trabalhar, retornando à praia logo após o expediente. Porém a minha maior dificuldade foi encontrar tempo para me dividir entre meu emprego (trabalho fora de casa em média de dez horas por dia), minha casa (não tenho quem me auxilie nas tarefas domésticas), Maíra (minha filha de dois anos) e a pesquisa. O tempo que utilizei para as entrevistas foram os horários de almoço e algumas noites.

Um fato que eu gostaria de esclarecer aqui é que Maíra é mantida em creche durante todo o dia, e como a creche (as creches em geral) não aceita as crianças quando doentes, tive que interromper todo o trabalho por quatro vezes, já que Maíra adoeceu.

"Trabalho doméstico é o desempenho das tarefas necessárias à manutenção do lar em funcionamento." (Heleieth Saffioti - "Emprego Doméstico e Capitalismo")

"É o trabalho necessário para o funcionamento da casa, saúde e conforto de seus moradores." (dicionário - Aurélio Buarque de Holanda)

PERFIL DAS ENTREVISTADAS

EMPREGADAS DOMÉSTICAS:

Nome: Ana

Idade: 34 anos

Est. civil: solteira

Tempo de trabalho como e.d.: 15 anos

Tempo de trabalho na empresa atual: 30 meses

Nome: Beatriz DIREITOS LEGAIS DOS EMPREGADOS DOMÉSTICOS

Idade: 60 anos

Est. civil: solteira

Tempo de trabalho como e.d.: 15 anos

O emprego doméstico não é regido pela CLT e sim pela lei específica nº 5.859 de 11 de dezembro de 1972, que garante aos empregados domésticos os seguintes direitos:

Idade: 25 anos

Est. civil:

- Férias anuais remuneradas de 20 dias úteis após cada ano de trabalho;
- Benefícios da Previdência Social (se for contribuinte);
- Direito aos serviços de atendimento médico pela rede INAMPS.

Est. civil: solteira

Tempo de trabalho como e.d.: 15 anos

Tempo de trabalho na empresa atual: 12 meses

Nome: Diana

Idade: 20 anos

Est. civil: solteira

Tempo de trabalho como e.d.: um mês

Tempo de trabalho na empresa atual: um mês

Nome: Elza

Idade: 45 anos

Est. civil: solteira

Tempo de trabalho como e.d.: 15 anos

Tempo de trabalho na empresa atual: 12 meses e três meses

PERFIL DAS ENTREVISTADAS

EMPREGADAS DOMÉSTICAS:

Nome: Ana

Idade: 54 anos

Est. civil: solteira

Tempo de trabalho como e.d.: 46 anos

Tempo de trabalho no emprego atual: 30 anos

Nome: Beatriz

Idade: 60 anos

Est. civil: solteira

Tempo de trabalho como e.d.: 46 anos

Tempo de trabalho no emprego atual: cinco anos

Nome: Cátia

Idade: 35 anos

Est. civil: solteira

Tempo de trabalho como e.d.: 25 anos

Tempo de trabalho no emprego atual: um ano

Nome: Deise

Idade: 27 anos

Est. civil: solteira

Tempo de trabalho como e.d.: 15 anos

Tempo de trabalho no emprego atual: três anos

Nome: Elisa

Idade: 19 anos

Est. civil: solteira

Tempo de trabalho como e.d.: um mês

Tempo de trabalho no emprego atual: um mês

Nome: Fátima

Idade: 24 anos

Est. civil: solteira

Tempo de trabalho como e.d.: nove anos

Tempo de trabalho no emprego atual: um ano e três meses

DONAS DE CASA:

Nome: Andréa
 Idade: 32 anos
 Escolaridade: superior
 Profissão: professora universitária
 Local de Trabalho: Universidade Federal de Santa Catarina
 Nº de filhos: dois

Nome: Berenice
 Idade: 43 anos
 Escolaridade: 2º grau incompleto
 Profissão: Dona de casa
 Local de Trabalho: -
 Nº de filhos: três

Nome: Catarina
 Idade: 35 anos
 Escolaridade: superior
 Profissão: Advogada
 Local de Trabalho: Casa Civil
 Nº de filhos: Três

Nome: Dóris
 Idade: 22 anos
 Escolaridade: superior incompleto
 Profissão: Estudante
 Local de Trabalho: LBA
 Nº de filhos: um

Nome: Ester
 Idade: 31 anos
 Escolaridade: 2º grau
 Profissão: dona de casa
 Local de Trabalho: -
 Nº de filhos: três

Nome: Fernanda
 Idade: 36 anos
 Escolaridade: superior
 Profissão: Bibliotecária
 Local de Trabalho: IAPAS
 Nº de filhos: três

POR QUE EMPREGADA DOMÉSTICA?

O emprego doméstico, em geral, não é uma escolha para as empregadas, mas uma das poucas opções de trabalho diante da baixa escolaridade e da pouca qualificação que elas apresentavam no momento em que precisaram sair da guarda de parentes e trabalhar fora.

ANA - "Meu pai era carroceiro, sempre trabalhou muito, mas nunca consegui nada para ele... ..éramos em 11 irmãos... ..saí de casa com 8 anos, foi quando arranjei meu primeiro emprego. Sempre trabalhei como doméstica. ...estudei até o 4º ano primário."

BEATRIZ - "...minha mãe morreu quando eu tinha dois anos... aos 13 a nos perdi meu pai... ..terminei o ginásio e aos 14 anos ' comecei a trabalhar como babá... ..a situação não era boa, tinha que me virar sozinha..."

DEISE - "Meu pai tinha um sítio, trabalhávamos na lavoura... ..e quando meu pai morreu, minha mãe vendeu tudo e tive que ' vir para a cidade..."

ELISA - "Minha mãe morreu quando eu nasci, vivi com minha avó, ... ela já estava muito velha... ..saí de casa faz um ano..."

Apenas uma das empregadas entrevistadas tem curso superior e continua como empregada doméstica por sentir falta de uma família. Cátia é professora de Educação Artística numa escola pública, onde leciona à noite. (O depoimento dela aparecerá a seguir.)

A maior parte das entrevistadas vêm na profissão de doméstica a vantagem de ter onde morar e/ou comer "de graça" e se submetem a qualquer tipo de tratamento.

BEATRIZ - "...gosto muito de limpar e arrumar a casa,não durmo no emprego, mas faço todas as refeições lá... ..nosso relacionamento é muito difícil...ela me dá bons presentes, televisão, relógio... ..quando digo para ela que não que ro acompanhá-la à praia, ela me joga tudo isso na cara!"

CÁTIA - "...gosto do serviço da casa, acho ótimo ter uma família, onde morar... ..quando ele compra aquelas bolachinhas de manteiga ou bombons, pede para mim guardar com cuidado e até arrumar uma lata ou caixa bonita, mas não é capaz de me dizer: "Pegue um pouco para você!"

ELISA - "...aqui me sinto segura, tenho onde morar e comer... não conheço a cidade ainda... ..a dona Lídia é muito boa para mim!"

MINHA EMPREGADA É MINHA FILHA ADOTIVA

A maioria das donas de casa entrevistadas têm suas empregadas como uma "filha de criação", não têm portanto, uma visão global ' dessa relação que deveria ser de trabalho. Elas não vêem a empregada ' como uma profissional , em parte pela própria falta de profissionalismo das empregadas e em parte também pela ausência de questionamento sobre este trabalho que tem por mercadoria a força de trabalho.

Donas de casa:

BERENICE - "Detesto a cara emburrada que a minha empregada faz de vez em quando. ...ela tem tudo aqui... ...sempre lhe dou presentes, sai quando precisa,..."

ESTER - "Ela tem toda a liberdade aqui, é como uma pessoa da família..."

Empregada doméstica:

FÁTIMA - "Estava cansada daquilo tudo... ...saí e só voltei dois dias depois..."

A relação profissional está geralmente ausente entre patroa-empregada. O que as envolve frequentemente é uma infinidade de sentimentos que não ocorre numa relação patrão-operário. Não há também uma jornada de trabalho pré estabelecida para a empregada, ela serve e fica à disposição dos patrões enquanto estes precisarem dela. Este é um fato que constitui a falta de profissionalismo, assim como um operário tem suas oito horas diárias de trabalho e um espaço só dele, a empregada doméstica também necessita desse tempo limitado e desse espaço dela.

A EMPREGADA DOMÉSTICA É NECESSÁRIA

As donas de casa se mostraram dependentes de suas empregadas, algumas por trabalharem fora de casa e outras por não saberem e mesmo "detestarem" o serviço doméstico.

ANDRÉA - "Trabalho fora o dia todo e não tenho disposição para fazer as tarefas de casa....preciso de tempo também para meus filhos... ..cozinheiro de vez em quando, em ocasiões especiais é bom..."

CATARINA - " Sempre tive empregada. Não gosto do serviço da casa, de lavar roupa e fazer aquilo tudo todos os dias. Não sei o que faria se não tivesse uma empregada, trabalho fora o dia todo."

DÓRIS - "Tenho uma empregada faz um ano, não a dispensei... ..deteste esse serviço e não sei nem cozinhar!... era meu marido que fazia quase tudo quando eu não tinha empregada, eu só arrumava as camas, organizava a sala... ela fica com o X (o filho de dois anos) enquanto estou no trabalho ou na faculdade".

O TRABALHO DOMÉSTICO NÃO LEVA A NADA

As empregadas domésticas foram unânimes ao afirmarem que o trabalho doméstico não as leva a nada, é apenas uma repetição de tarefas todos os dias. Com exceção das duas empregadas mais velhas, as outras não pretendem permanecer como domésticas. Enquanto estudam, fazem cursos de manicure, esteticista, etc, trabalham como domésticas para se manterem. As jovens não se interessam pelas lutas de sua categoria, não atuam na Associação das Empregadas Domésticas e poucas frequentam as reuniões. A tendência aponta para o desaparecimento da categoria, pois há poucas associadas e estas são geralmente as mais velhas.

ELISA - "Vou fazer o vestibular este ano, já estou organizando o material que tenho... gosto de trabalhar em casas, mas o salário é muito baixo..."

FÁTIMA- "...termino o 2º grau este ano... faço um curso de datilografia, estou procurando um emprego como secretária... ..aquelas reuniões são um saco! Não consigo nem acompanhar imagine participar! "

ESTADO CIVIL: SOLTEIRA

As empregadas mais velhas mostraram preocupação quanto ao casamento. Para elas casar e ter filhos é algo que a mulher, empregada doméstica principalmente, não consegue conciliar com a profissão. Por um lado, trabalhando fora de casa, elas não deixariam os filhos passarem "necessidade"; por outro, estando fora, não poderiam educá-los como desejassem e nem dar-lhes muita atenção.

ANA - "... e entre ter filhos, uma casa mal cuidada e passar necessidade, prefiro trabalhar fora e lutar para me manter, mesmo que sozinha."

BEATRIZ - "... e eu não conseguiria levar tudo junto, ter uma família da gente mesmo é muita responsabilidade e..."

As mais jovens não têm uma opinião formada sobre o assunto. Algumas delas não pretendem se casar tão cedo, ter filhos, uma casa, etc.

A preocupação delas está no que fazer profissionalmente. Com exceção de Ana e Beatriz, as outras não pretendem permanecer como empregadas domésticas.

SITUAÇÃO GERAL DA EMPREGADA DOMÉSTICA EM
FLORIANÓPOLIS

- Média dos salários: Cr\$ 35.000,00 (trinta e cinco mil cruzeiros)
- Média de horas trabalhadas por dia: 12 horas
- Não há pagamento de 13º salário, com raríssimas exceções.
- Não têm FGTS.
- Média dos dias de férias: 15 dias
- Folga semanal: um dia e meio (36 horas).

BIBLIOGRAFIA

BEAUVOIR, Simone de - O Segundo Sexo - I. Fatos e Mitos.

STUDART, Heloneida - Mulher Objeto de Cama e Mesa.

PRADO, Danda - Ser Esposa a mais Antiga Profissão.

SAFFIOTI, Heleieth - Emprego Doméstico e Capitalismo.